

RESENHA/REVIEW

BYBEE, Joan. 2010. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press. 252 págs.

Resenhado por/by: Maria Angélica FURTADO DA CUNHA
(*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*)

O livro *Language, usage and cognition*, de Joan Bybee, vem preencher uma lacuna na literatura de cunho funcionalista na medida em que promove uma integração entre linguística funcional-tipológica e linguística cognitiva, investigando os processos cognitivos dinâmicos e recorrentes que, em última análise, são responsáveis pela criação da gramática, pela mudança linguística e pelo processamento da linguagem. Especificamente, focaliza os processos cognitivos de domínio geral que estão por trás do modo como as palavras se agrupam para dar origem a construções. Sob o enfoque da abordagem conhecida como Linguística Centrada no Uso (*Usage-based Theory*), Bybee busca explicar a essência da gramática, focalizando seu caráter variante e gradiente.

Coerente com a postura teórica que adota, a autora baseia seus estudos em extensos *corpora* de língua falada e escrita, aplicando um conjunto consistente de hipóteses à fonologia, à morfossintaxe e à semântica. Além disso, incorpora a seus achados evidências advindas de experimentos com usuários da língua.

A obra é uma síntese de trabalhos anteriores baseados em uma longa tradição linguística americana que surge dos estudos empíricos de tópicos funcionais e tipológicos. O interesse central repousa no exame da interação entre uso e processo, a qual não só permite investigar como as construções surgem e mudam mas também pode fornecer algumas respostas sobre a origem da gramática.

O livro é composto por onze capítulos, quatro dos quais descrevem os processos cognitivos de domínio geral que atuam na estruturação da língua. Os sete capítulos restantes tratam de diferentes aspectos vinculados a uma teoria integrada do uso da língua e da mudança linguística. Ao final de cada capítulo, a autora resume os principais pontos discutidos, o que facilita a compreensão do material lido.

O capítulo inicial, *A usage-based perspective on language*, traça o quadro teórico geral que embasa o livro. Bybee discute a natureza da linguagem, ressaltando seu caráter ao mesmo tempo regular e variável: as línguas diferem entre si, mas são modeladas pelos mesmos princípios; construções comparáveis em línguas distintas desempenham funções semelhantes, mas diferem formalmente umas das outras; os enunciados de uma língua distinguem-se entre si, mas exibem os mesmos padrões estruturais; as línguas mudam ao longo do tempo, mas de modo bastante regular. A autora examina, então, a gradiência e a variação na estrutura linguística, apresentando alguns exemplos que motivam uma visão da língua como um sistema adaptativo complexo. Em seguida, considera a questão: os processos que criam a estrutura linguística são específicos à língua ou se aplicam também a outros domínios cognitivos? Para responder a essa pergunta, introduz e define os processos de domínio geral que aplica a suas análises no livro: categorização, *chunking* (encadeamento), armazenagem de memória rica, analogia e associação transmodal. Ainda nesse capítulo, Bybee define ‘construção’, em termos semelhantes a Goldberg (1995) e Croft (2001), e mostra sua relevância em uma gramática baseada no uso. Salienta, então, a importância do trabalho com todos os tipos de dados: linguagem infantil, experimentos psicolinguísticos, intuição dos falantes, distribuição em *corpora* e mudança linguística e elenca as fontes primárias usadas para as análises apresentadas na obra.

No segundo capítulo, *Rich memory for language: exemplar representation*, a linguista se volta para o desenvolvimento da hipótese de que instâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua. Utiliza, nesse capítulo e em todo o livro, os argumentos de que as representações exemplares se fundam no uso, possibilitam a representação da gradiência nas estruturas e admitem a gradualidade da mudança, argumentos de que também se valem linguistas funcionalistas em geral (cf. Givón, 2001; Tomasello, 2003; Traugott, 2003, entre outros). Apresenta, então, os resultados de pesquisas que comprovam o efeito redutor da frequência, a variação sociofonética e a

mudança na fonologia de adultos. Dedicada, ainda, uma seção à morfologia, em que aborda, primeiramente, as redes de associação e defende que, num modelo exemplar, as relações podem ser formadas em vários níveis e ao longo de muitas dimensões, esclarecendo que exemplares mais frequentes são mais fáceis de acessar. Focando a sintaxe, Bybee mostra que cadeias de palavras também podem ser analisadas em uma rede de relações e assinala que, embora as construções também tenham representações exemplares, estas são mais complexas porque a maioria das construções são parcialmente esquemáticas. Utiliza a construção resultativa (definida em Goldberg, 1995) *drive* + ADJETIVO para ilustrar esse ponto. Como evidência de que exemplares de construções têm um efeito sobre a representação cognitiva, examina expressões idiomáticas, como a construção Verbo – Objeto *pull strings*, e unidades pré-fabricadas, estas últimas definidas como qualquer expressão convencionalizada, a exemplo do que propõem Erman e Warren (2000).

Em *Chunking and degrees of autonomy*, terceiro capítulo, Bybee examina os mecanismos de processamento cuja aplicação repetida dá forma à gramática, na tentativa de explicitar as propriedades desses mecanismos. Detém-se, especialmente, no processo de encadeamento de palavras (*chunking*), que está baseado na organização geral da memória e influencia todos os sistemas cognitivos, ressaltando a importância da repetição como gatilho para o estabelecimento de relação sequencial entre dois ou mais itens. Na seção seguinte, discute efeitos fonéticos de *chunking* – redução e repetição – como evidência de que a relação sequencial (*chunking*) é o mecanismo por detrás da formação de unidades complexas na língua. Apresenta, então, as causas da redução determinadas no jogo interacional entre falante e ouvinte: frequência da palavra, frequência no contexto e previsibilidade a partir das palavras adjacentes. Ainda nesse capítulo, a autora distingue composicionalidade de analisabilidade, parâmetros gradientes, a fim de discutir mudanças na estrutura morfossintática, nas funções pragmáticas e na semântica, e de explorar o papel da repetição na perda de composicionalidade e analisabilidade. Enquanto a primeira é uma medida semântica que diz respeito ao grau de previsibilidade do todo com base no significado das partes, na linha de Langacker (1987), a última é um parâmetro morfossintático que se refere à contribuição de cada componente para a conceitualização do todo, ainda seguindo Langacker (1987).

Vale notar, no capítulo três, o uso não muito rigoroso de termos centrais à discussão levada a cabo, como *chunks*, *prefabs*, *idioms* e *constructions*. Na

maior parte das vezes, eles são empregados de modo intercambiável, como se consistissem no mesmo fenômeno. De acordo com a teoria adotada no livro, contudo, está claro que esses elementos se referem a expressões de diferentes dimensões que compartilham a característica de serem convencionalizadas em maior ou menor grau. Assim, a ausência de precisão parece refletir a existência de um contínuo ou de uma gradação entre os diversos conceitos, que identificam desde construções mais esquemáticas a outras lexicalmente preenchidas.

O quarto capítulo, *Analogy and similarity*, concentra-se em analogia, definida como o processo pelo qual um falante passa a usar um item novo em uma construção, de modo semelhante ao descrito por Traugott (2003), e explora a natureza do processamento analógico e a evidência da extensão de itens específicos de construções. Bybee afirma que a maioria das formações analógicas na língua são baseadas em semelhança semântica ou fonológica com formas existentes. Desse modo, muitos enunciados não são novos ou, pelo menos, contêm partes que não são completamente novas, como as unidades pré-fabricadas. Nas seções seguintes, a autora examina o papel da analogia na linguagem infantil e na mudança linguística, observando dois tipos de mudança tradicionalmente contemplados na linguística histórica: nivelamento analógico e extensão analógica. Por meio do mecanismo de processamento analógico, a linguista procura examinar de que modo o específico interage com o geral, argumentando que um modelo analógico é mais econômico do que o modelo de processamento duplo – analógico e simbólico – dos gerativistas.

Categorization and the distribution of constructions in corpora, quinto capítulo, pode ser considerado o cerne do livro, em que Bybee detalha o conceito de construção, examinando a distribuição de ocorrências (*tokens*) e tipos (*types*) particulares de construções. Mostra, também, a adequação desse conceito a um modelo exemplar e como as construções emergem da categorização de enunciados experienciados. Esse capítulo apresenta vários resultados de pesquisas da autora, com abundante exemplificação, gráficos e muitas tabelas. Aqui a linguista justifica a adoção do conceito de construção, fornecendo argumentos que fazem referência a estruturas idiomáticas, complementos oracionais, espaços semânticos, aquisição da linguagem e processos cognitivos de domínio geral. A seguir, trata do que ela julga a propriedade mais importante das construções – o fato de que elas descrevem relações entre itens lexicais específicos e estruturas gramaticais específicas. Aborda, então, duas dimensões em que as construções podem variar: grau

de fixidez e esquematicidade. No polo mais baixo da escala de esquematicidade, as posições em uma construção podem ser completamente fixas, enquanto a alta esquematicidade é uma função do grau de variação dentro da categoria. A construção *drive someone* + ADJETIVO/SINTAGMA PRE-POSICIONADO exemplifica o fato de que, em um padrão distribucional comum, itens semanticamente semelhantes se agrupam em torno de um exemplar de alta frequência – um pré-fabricado. Desse ponto em diante, Bybee investiga as categorias prototípicas, utilizando os verbos de ‘ficar’ em espanhol como ilustração. Reflete, então, sobre a importância, em termos de frequência, do membro central de uma categoria, o qual desempenha um papel no uso sincrônico da língua, na aquisição da linguagem pela criança e na expansão diacrônica de categorias. Propõe que, dada a interação dos dois fatores responsáveis pela estrutura da categoria – frequência e semelhança –, as analogias podem ser baseadas em um membro menos frequente se esse membro exibir grande similaridade com a situação nova. Com base no estudo de *quedarse, volverse, hacerse e ponerse* + ADJETIVO, conclui que as classe mais centrais e menos esquemáticas são altamente produtivas, mostrando que esquematicidade e produtividade são dimensões independentes. A autora observa que, embora a produtividade tenha sido mais estudada no domínio da morfologia, alguns dos fatores aí atuantes também podem ser aplicados a construções morfossintáticas.

O sexto capítulo, *Where do constructions come from? Synchrony and diachrony in a usage-based theory*, está dividido em sete seções, que examinam, mais detalhadamente, como processos idênticos se aplicam a casos de mudança linguística, com ênfase na gramaticalização, na criação de novas construções e em mudança na estrutura de constituintes. Nessa linha, Bybee aborda os processos de mudança que criam estruturas emergentes; focaliza o processo pelo qual itens e estruturas gramaticais são criados; estabelece que o processo de gramaticalização ocorre durante o uso da língua; enfatiza o papel central da diacronia na explicação de novos padrões morfossintáticos e de padrões tipológicos; justifica que grande parte das críticas à gramaticalização vem de linguistas gerativos, devido a uma incompatibilidade entre uma visão de estruturas abstratas, discretas e os fatos dinâmicos e variáveis da gramaticalização; e, por último, apresenta vários estudos que sustentam uma perspectiva baseada no uso para a mudança linguística.

Em *Reanalysis or the gradual creation of new categories? The English auxiliary*, sétimo capítulo, a autora examina o desenvolvimento da categoria

“auxiliar” em inglês, relacionado ao desenvolvimento de novas construções. Explora, também, a gramaticalização dos modais e de outros auxiliares, analisa uma construção recentemente gramaticalizada em que o elemento negativo *not* segue o verbo e considera construções interrogativas com inversão da ordem sujeito-verbo. Formula, a seguir, duas hipóteses que norteiam a abordagem adotada: primeiro, a ideia de que o gatilho para o espriamento das construções com auxiliares foi a frequência crescente de uso dos modais; segundo, a de que a expansão de *do* nessas construções se explica pela postulação de duas construções competidoras. Esse capítulo está mais voltado para um tipo de categoria característica da língua inglesa e muito estudada na literatura linguística.

No oitavo capítulo, *Gradient constituency and gradual reanalysis*, Bybee discute a reanálise gradual no contexto de mudanças aparentes na estrutura de constituinte, por meio da hipótese de como processos cognitivos de domínio geral podem criar coesão entre unidades. Retoma, assim, o processo de *chunking* no quadro da constituência e investiga a categorização como um outro fator essencial para a determinação da estrutura de constituinte, estudando preposições complexas, como *in spite of*. A evidência aponta a possibilidade de análises múltiplas, gradientes desse tipo de preposição. A autora chama a atenção para a importância da decategorização como indicador da gramaticalização de um nome ou verbo em uma construção, tendo como consequência a perda da analisabilidade da estrutura de constituinte dessa construção. Focaliza, a seguir, a questão do progressivo em espanhol e sua gramaticalização avançada.

Em *Conventionalization and the local vs. the general: Modern English can*, nono capítulo, a autora discute como a convencionalização pode criar padrões locais que podem ser considerados ‘subgramaticais’ já que associam propriedades que não são características da gramática definida tradicionalmente. Para tanto, examina casos em que as construções afirmativa e negativa (... AUXILIAR + NEGATIVA + VERBO PRINCIPAL ...) interagem com diferentes verbos cognitivos/epistêmicos, como *seem, think, believe, say, imagine, understand* e *remember*. Constata que, quando esses verbos são acompanhados por *can*, seus usos são diferentes para a afirmativa e para a negativa. Em todos os casos, a interpretação da construção negativa foi modelada pelo discurso e reflete avaliações subjetivas dos falantes. Esse capítulo, assim como o sétimo, analisa um fenômeno específico do inglês – o verbo modal *can* e sua relação com verbos de cognição em construções afirmativas e negativas.

O décimo capítulo, *Exemplars and grammatical meaning: the specific and the general*, discute o impacto do significado de pré-fabricados sobre as construções gramaticais, reafirmando que a forma morfossintática é muito frequentemente influenciada pelo significado. Na primeira seção, Bybee explora o fato de que o significado gramatical deriva do significado lexical, discutindo, a seguir, os mecanismos de mudança e seus efeitos: a generalização do significado, o reforço pragmático, a retenção de significado lexical e a absorção de significado com base no contexto. As últimas seções desse capítulo contrastam a visão emergente do significado gramatical, que pode variar em contextos locais, abordando o significado invariante, abstrato, a importância da oposição e a interação das experiências humanas com o significado gramatical, assegurando que os significados se desenvolvem para refletir experiências humanas.

O último capítulo, *Language as a complex adaptative system: the interaction of cognition, culture and use*, considera o modo como semelhanças entre línguas surgem por meio da aplicação e interação de processos de domínio geral durante o uso da língua em contextos culturais particulares. Nesse sentido, esse capítulo amarra todas as ideias discutidas ao longo do livro, destacando a importância da proposta apresentada para o tratamento das categorias gramaticais. A linguista trata de temas como tipologia e universais no contexto de uma teoria baseada no uso e a questão da natureza da dotação genética humana que torna a linguagem possível: as semelhanças linguísticas devem ser atribuídas a processos e habilidades de domínio geral ou de domínio específico? A resposta é que a diacronia em geral e a gramaticalização em particular fornecem uma diretriz para rastrear as semelhanças e diferenças entre línguas. Assim, Bybee explora alguns fatores referentes aos contextos de interação social nos quais a língua é usada para mostrar como eles podem impactar a gramática, estipulando semelhanças, em alguns casos, e diferenças, em outros; discorre sobre morfologia dêitica e tipo cultural, comprovando a correlação entre afixos pessoais e complexidade cultural; apresenta um outro modo em que padrões de uso determinam padrões translinguísticos. Por fim, considera os fatores que tornam construções particulares frequentes ou infrequentes em uma cultura: do que as pessoas querem falar; que construções os falantes escolhem usar; especificidade ou generalidade de significado; e dificuldade/facilidade de processamento. À guisa de conclusão, a autora resume a explicação para as estruturas linguísticas defendida no livro: na medida em que contexto, significado e padrões discursivos são compartilhados entre línguas, surgem

semelhanças na estrutura. Portanto, entender a língua como uma atividade incorporada que ocorre em tempo real, em situações reais e passa através de sistemas cognitivos reais, provê grande potencial para a explicação do que percebemos como estrutura linguística.

O esforço de Joan Bybee em promover a integração entre linguística e ciência cognitiva é plenamente compensado nesse livro. No quadro da linguística funcional, especificamente, é o primeiro trabalho que explicita as relações entre língua(gem) e processos cognitivos através do exame de dados extraídos de amplos *corpora* que refletem o uso real da língua. Nesse sentido, cumpre a tarefa adicional de embasar as discussões a respeito de uma linguística centrada no uso. Dado seu grau de profundidade teórica, esse volume é recomendado a leitores já familiarizados com os conceitos e os pressupostos básicos da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001
- ERMAN, B.; WARREN, B. The idiom principle and the open choice principle. *Text*, n. 20, p. 29-62, 2000.
- GIVÓN, T. *Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*, v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- TRAUGOTT, E. C. *Constructions in grammaticalization*. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (eds.). *A handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 624-647.